

## A CONFIGURAÇÃO DA MEMÓRIA DO NARRADOR EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM

Silvana Azevedo da Costa Marques<sup>1</sup>

**RESUMO:** A análise trata das perspectivas do narrador primordial e a configuração de suas memórias no romance *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum. A proposta é analisar o discurso narrativo que remete ao relato oral e confessional do personagem Arminto Cordovil, que conta sua história a partir da reconstrução de suas memórias. A análise está pautada na teoria do filósofo alemão Walter Benjamin, em seu texto “O Narrador” (1994), pelo qual são observadas as particularidades do narrador, pois o mesmo apresenta alguns traços da narrativa tradicional. O personagem Arminto Cordovil conta sua história a um visitante que está disposto a ouvi-lo, a partir de suas memórias de infância até a idade adulta, lembranças que vão surgindo à medida que estão sendo narrados os fatos. As memórias individuais de Arminto serão analisadas a partir do conceito de memória coletiva, do sociólogo francês Maurice Halbwachs, em seu estudo *A memória Coletiva* (1990).

**Palavras-chave:** narrador tradicional, discurso narrativo, oralidade e memória.

**RESUMEN:** El análisis aborda las perspectivas del narrador primordial y la configuración de sus recuerdos en la novela *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum. Una propuesta es analizar el discurso narrativo que se refiere al relato oral y confesional del personaje Arminto Cordovil, que cuenta su historia a partir de la reconstrucción de sus recuerdos. El análisis se basa en la teoría del filósofo alemán Walter Benjamin, en su texto "El narrador" (1994), por el cual se observan particularidades del narrador, ya que presenta algunos rastros de la narrativa tradicional. El personaje Arminto Cordovil cuenta su historia a un visitante que está dispuesto a escucharlo, desde los recuerdos de su infancia hasta la edad adulta, recuerdos que surgirán a medida que se narren los hechos. Los recuerdos individuales de Arminto serán analizados a partir del concepto de memoria colectiva, por el sociólogo francés Maurice Halbwachs, en su estudio *A memory Coletiva* (1990).

**Palabras-clave:** narrador tradicional, discurso narrativo, oralidade y memoria.

### INTRODUÇÃO

Milton Hatoum nasceu na cidade de Manaus, em 19 de agosto de 1952. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo na USP. Estudou literatura comparada na Sorbonne (Paris III). Foi professor universitário de História da Arquitetura e jornalista cultural. Teve quatro romances premiados. Suas obras foram traduzidas em doze línguas e publicadas em catorze países, segundo o site do autor (HATOUM, 2019). O seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989, recebeu o prêmio *Jabuti* em 1990. Em 2000, lança seu segundo romance, *Dois irmãos*. Em 2005, lança *Cinzas do Norte*. Com o sucesso do livro,

---

<sup>1</sup> Especialista em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso; Professora da Secretaria Estadual de Educação.

conquistou o Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de melhor romance, Prêmio Livro do Ano da CBL e Prêmio BRAVO de literatura. *Órfãos do Eldorado* é o quarto romance do autor, publicado em 2008. Em 2009, lançou *A cidade ilhada*, livro de contos e, em 2013, publicou *Um solitário à espreita*. Devido ao grande sucesso e premiação de suas obras, Hatoum chegou ao teatro e ao cinema.

O romance *Órfãos do Eldorado* foi escrito sob encomenda para a coleção *Myths*, da editora escocesa Canongate, em 107 páginas. Nele, Hatoum conseguiu descrever as belezas, riquezas históricas e míticas da Amazônia. O enredo é ambientado no estado do Amazonas, entre Vila Bela e Manaus. A narrativa se constitui de memórias de um passado que o narrador Arminto Cordovil conta a um viajante que passou por lá, e teve a paciência para ouvir toda sua história. Esse viajante contou a seu neto, que por sua vez narra toda história de vida do personagem principal. Diante de tal situação, Arminto Cordovil será nomeado como narrador primordial.

O livro é escrito com ausência de capítulos, combina história e mito, ficção e fábula, lenda e verdade. No centro da trama, apresenta-se a paixão louca de Arminto por Dinaura. O leitor se depara com um passado que prossegue, resiste, prolonga-se pelas artimanhas da memória e infiltra-se no relato de Arminto Cordovil. Muitos personagens desfilam por essa memorialística e alguns ganham mais destaque que outros: o pai do personagem principal, Amando Cordovil, homem poderoso na região; Florita, uma índia misteriosa que foi contratada por Amando Cordovil para ser preceptora do pequeno órfão; o advogado Estiliano, considerado sábio pelo narrador, era um homem culto, e de total confiança de Amando Cordovil; Dinaura, uma jovem órfã bela e enigmática, de poucas palavras, e com um olhar avassalador, morava no Colégio Sagrado Coração de Jesus, por quem Arminto se apaixonou.

A narrativa coloca em jogo a mescla de sentimentos contraditórios que acabam com a paz e a capacidade de pensar do personagem e coloca em evidência a temática da tradicional história do jovem rico e a moça pobre e órfã. Arminto Cordovil, filho de um poderoso comerciante e proprietário de embarcações da região, perdeu a mãe ao nascer e foi criado desde pequeno entre os índios da região, amamentado por uma índia tapuia da qual ele nem se lembra do rosto, e cuidado por outra índia, chamada Florita, que sempre esteve ao seu lado. Cresceu às margens do rio Amazonas brincando com os indiozinhos, parecia uma criança como as outras, porém no seu interior sentia uma carência afetiva enorme, sendo órfão de mãe e se culpando pela morte da mesma. Lembrava-se sempre do pai tecendo inúmeros elogios à falecida esposa e das palavras que o destruíram - “tua mãe te pariu e morreu” -, fazendo-o sentir-se culpado. Além disso, ainda acreditava ter “abusado” de Florita, quando na realidade, as atitudes de Florita sugerem que ela o seduzira desde muito jovem. Arminto Cordovil amava e sentia certa admiração pelo pai. Apesar das

suas desavenças, queria se aproximar, mas como era jovem e imaturo não conseguia, e no dia da reaproximação dos dois, acontece a tragédia antes que eles possam conversar: Amando tem um ataque no meio da rua e morre nos braços do filho que sempre desprezou.

## **O DISCURSO NARRATIVO EM ÓRFÃOS DO ELDORADO**

Em *órfãos do Eldorado*, encontra-se uma série de elementos norteadores do narrador tradicional, definido por Walter Benjamin. Na capacidade de ouvir configura-se o ouvinte capaz de tomar para si mesmo a história ouvida. Esse é o ouvinte que se dispôs a ouvir toda a narrativa de Arminto Cordovil. De acordo com Walter Benjamin, “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se agrava nele o que é ouvido” (BENJAMIM 1994). Nesse romance, encontram-se dois ouvintes tradicionais, o avô, que ouviu a narrativa de Arminto Cordovil, e o neto, que sente prazer em ouvir as histórias contadas pelo seu avô: “naquela tarde, meu avô me contou uma das histórias que ouviu em 1958, numa de suas viagens ao interior do Amazonas”. (Hatoum, 2008, p. 105)

Em *Órfãos do Eldorado* pode-se afirmar, à luz da teoria do filósofo alemão Walter Benjamin (1994), em seu texto sobre o narrador, que Arminto Cordovil apresenta muitas particularidades do narrador tradicional, uma vez que as histórias contadas por esse homem idoso e desvalido, que tem muitas histórias de sua vida para contar, poderiam ser consideradas como exemplos para o leitor. No entanto, não há nada de exemplaridade, uma vez que, ao lançar seu olhar sobre o escuro de seu tempo, contexto histórico – declínio do Amazonas e de si mesmo, como homem contemporâneo – ilumina a escuridão, isto é, a ruína de sua vida pessoal, financeira e amorosa, demonstrando o caráter dilacerado do sujeito contemporâneo que se constrói na própria ruína:

Ela mergulha a coisa [narrada] na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Walter Benjamin deixa transparecer certa decepção com o narrador contemporâneo. Segundo ele, o ‘narrador’ não consegue ser inteiramente dinâmico, na sua arte de narrar. Ele salienta ainda que o narrador atual se mostra distante e continuará sendo. Ressalta que, nos tempos modernos, o narrador sofreu mudanças, variações, que não foram muito positivas e a capacidade de contar histórias nos tempos modernos deixou de existir. Benjamin diz ainda que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (1994, p.197).

O narrador em *Órfão do Eldorado* pode ser considerado como um narrador primordial, ou seja, um narrador anacrônico que persiste numa prática narrativa que não

possui mais espaço em nossa época. É um contador de histórias contemporâneo pela dificuldade que encontra em passar seus conhecimentos adiante, pela falta de ouvintes interessados. Em sociedades antigas, a pessoa idosa tinha lugar privilegiado na arte de narrar. Atualmente, está à margem, pois são poucas as pessoas que têm paciência para ouvi-los, isto é, ele perdeu sua legitimidade como narrador, ou seja, é um inválido na narração de histórias.

Na narrativa hatouniana, o narrador, Arminto, é chamado pelas crianças de “doido”, por ficar repetindo as mesmas histórias. Ele narra suas memórias do tempo de criança até a idade adulta. Durante todo o processo narrativo, ele relata os fatos ocorridos em sua vida, sua infância inundada de indagações e acusações infundadas, sua juventude inconsequente, o distanciamento e a morte repentina do pai sem que conseguissem fazer as pazes, a paixão platônica vivida por ele e Dinaura e a perda da herança. Ele, que era um homem respeitado pela sociedade, passou a ser considerado louco, mas tinha uma infinidade de experiências para passar adiante, não se preocupando se iam acreditar na sua história ou não. Para ele, importava apenas narrar.

Em *Órfãos do Eldorado*, experiência e pobreza estão relacionadas, pois, segundo Eclea Bosi, em *Memória e sociedade* (1997), os bens conquistados pelos velhos, ou seja, pelos pais, sofrem a ruína construída pelos filhos, possibilitando que a pobreza de bens possa levar também à pobreza de experiência e à miséria pessoal. Isso aparece quando percebemos que Arminto jovem tem vivência, mas é pobre de experiência:

Chegamos a um acordo sobre a retirada. E ele mesmo sugeriu que o dinheiro fosse enviado pelo malote postal do Lloyd. Quando insisti para que dirigisse a empresa, recusou: dali a alguns anos ia morar em Vila Bela. Eu era o herdeiro, devia ficar à frente... Não tenho experiência nem vontade, interrompi (HATOUM, 2008, p. 30)

Para esse narrador, que queimou a fortuna que o pai Amando conquistou durante a vida, vendendo tudo e se desfazendo de todos os bens que ele não considerava importante, por representarem apenas cifras, o que realmente importa são suas ruínas pessoais e amorosas, pois muito pior do que ficar “pobre”, sem bens, é ver apagados seus rastros, suas experiências:

Minha história com Dinaura começou naquela semana. Ela queria namorar comigo. Agora sou uma carcaça, mas fui um jovem vistoso. E ainda tinha posses. Isso conta, não é? Era o que eu pensava. Mas a riqueza não foi suficiente. Quer dizer, não serviu para muita coisa (HATOUM, 2008, p. 40)

Arminto agora é velho e rico de experiências vividas, por isso, a ele interessa transmiti-las para um passante, para quem quiser ouvi-lo.

Podemos afirmar que entre o narrador e ouvinte estabelece-se uma relação de interdependência, uma vez que depende dos dois para que a narrativa venha a existir. Benjamim reforça, no seu ensaio “O narrador”, que a causa do depauperamento da narrativa

na atualidade deve-se ao declínio da própria experiência. No entanto, é possível perceber que em *Órfãos do Eldorado*, quando o narrador recebe aquele viajante disposto a ouvi-lo, temos uma quebra de paradigma. O narrador pode ter muitas experiências para contar, porém, se não tiver alguém disposto a ouvi-lo, não será possível passar os seus conhecimentos adiante. Talvez, pelo fato da história se passar em um ambiente onde o modo de vida capitalista não vigore plenamente, seja ainda possível para o narrador, em *Órfãos do Eldorado*, cambiar experiências.

O narrador tradicional é o que faz da sua memória e de sua experiência o artifício para contar, com riquezas de detalhes, o seu relato. Ele viveu o que ele está narrando. O narrador moderno narra os fatos vivenciados e contados por outras pessoas. Ele é apenas um espectador, precisa de experiências particulares para construir sua própria história. O narrador Arminto Cordovil vivenciou e conta suas memórias, seus dias melancólicos.

Ainda me lembro das tardes de desolação e saudade, dos dias lentos e das noites mal dormidas. Os telegramas enviados de Manaus, quatro ou cinco, que eu rasguei com raiva, sem ler, sem nem mesmo abrir. (HATOUM, 2008, p. 47)

A rememoração é deflagrada pela iminência da morte. Arminto Cordovil relembra a morte do pai e a memória traz os acontecimentos do passado. Porém, não se pode provar que essas memórias se constroem com exatidão, apesar da riqueza de detalhes fornecidos pelo narrador ao reconfigurar o passado vivido. Pode-se dizer que a memória restaura o passado no presente e só quem viveu a situação poderia descrever com tamanha sensibilidade a situação vivenciada. Nesse sentido, percebemos que as lembranças mais doloridas e as mais difíceis de serem lembradas pelo narrador encontram-se guardadas em sua juventude, marcadas pela falta de carinho e afeto que o pai nunca oferecia ao filho. “Deitado, ele me olhava, o rosto engelhado de dor. Fiquei atrapalhado, massageando seu peito. Depois o único abraço no pai morto” (Hatoum, 2008, p.27).

Na obra, o leitor é levado a fazer sua própria interpretação desse passado e evidencia a necessidade de contar desse narrador, pois, se a autoridade de contar, bem como o ouvinte disposto a escutar, perdeu-se com a modernidade, a capacidade de seduzir pela narrativa permanece viva, principalmente quando mediada pela memória, pois “num livro de memórias, o toque da poesia por si só já confere exemplaridade, graças ao milagre da consubstanciação que cria o mais geral sob as espécies do particular” (CANDIDO, 1989, p. 65).

A obra é fundamentada na rememoração do narrador e personagem Arminto Cordovil, que desenvolve uma narrativa baseando-se nas suas memórias de infância até a idade adulta. Suas lembranças vão surgindo à medida que são narrados os fatos, memórias individuais, pois são fatos que ocorreram em sua vida. Maurice Halbwachs, em seu texto *Memória Coletiva*, afirma que a memória individual não está inteiramente isolada e

fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros, porém, o narrador Arminto não tem a quem recorrer para preencher as lacunas de suas lembranças, pois os demais personagens já faleceram. A memória individual pode ser esquecida facilmente e não é possível provar sua veracidade, porque foi vivenciada e está sendo contada por um único personagem. A memória coletiva, por outro lado, é possível identificar, porque está sendo rememorada e narrada por mais de um indivíduo. (Halbwachs, 1968).

### CONFIGURAÇÃO DA MEMÓRIA EM ÓRFÃOS DO ELDORADO

Analisando *Órfãos do Eldorado*, observa-se que as memórias do narrador são análogas às do autor. Hatoum também recorda seu passado, sua infância e juventude morando em Manaus. A beleza exuberante do lugar onde nasceu e cresceu influencia suas obras. A incalculável riqueza cultural e econômica da Amazônia torna-se palco de seus romances, através de lembranças e das histórias e mitos que ouviu. A rememoração dos fatos acontece para que possa esclarecer acontecimentos passados, que estavam esquecidos e voltam à tona, hora com nitidez, hora com lacunas. Quando o narrador conta suas histórias, ele se reencontra com os fatos que ocorreram na sua vida ou de alguém que ele presenciou. Em *Órfãos do Eldorado* acontece uma memória autobiográfica. O narrador narra os acontecimentos de sua vida que estão entrelaçados à história da sociedade da época, fatos e memórias se entrelaçam, pois uma memória depende da outra para ter consistência.

Memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1968, p. 37)

O narrador constrói suas memórias sem sequencialidade dos acontecimentos. Ele narra a história de sua vida de acordo com suas lembranças e, no desenrolar da narrativa, surgem lacunas que dificultam o entendimento do leitor, exigindo releitura, uma observação maior. Como nesta citação abaixo, ao lembrar-se do seu passado, ele mistura sua história com os mitos Amazônicos:

Eu tinha uns nove ou dez anos, nunca mais esqueci. Alguém ainda ouviu essas vozes? Fiquei cismado, porque há momento em que as histórias fazem parte da nossa vida. Uma das cabeças me arruinou. A outra feriu meu coração e minha alma me deixou sozinho na beira desse rio, sofrendo a espera de um milagre. Duas mulheres. Mas a história de uma mulher não é história de um homem? (HATOUM, 2008, p. 13)

Os mitos indígenas que circulam pela Amazônia, na obra de Hatoum, são desmistificados, desconstruindo a imagem de paraíso, que reafirmava a Amazônia como cidade encantada no fundo do rio. O fato de acreditarem na existência do “Eldorado” pode ser vista como forma de esperança para os desfavorecidos da época, pois, ao reafirmarem a existência de tantas riquezas, acreditavam na possibilidade de que não passariam dificuldades. O barco cargueiro que Arminto herdou do pai trazia também o nome de “Eldorado”, que leva o leitor a relacioná-lo ao mito da cidade encantada. A compra do barco trouxe grandiosas esperanças financeiras para Amando Cordovil. Porém, o barco era financiado e com seu naufrágio e a indiferença com os problemas financeiros da família, acontece a derrocada financeira e pessoal de Arminto Cordovil.

O narrador inicia narrando uma de suas memórias relacionadas ao mito do Eldorado, e recorda que, quando criança, presenciou uma cena que o marcou profundamente. Todo o acontecimento foi traduzido por Florita, uma vez que ele não entendia a língua que a mulher falava (língua geral). No decorrer da narrativa, ocorre a desconstrução deste mito, pois a existência de uma passagem para a cidade encantada, cena em que Florita o fez acreditar ser, era, na verdade, o suicídio e, na intenção de poupá-lo, pela sua pouca idade, ela amparou-se na versão lendária.

Nota-se que o narrador usa estratégia de mesclar fatos memorados, inventados e imaginados, assim como a mítica da região, para preencher as lacunas de suas memórias e ao mesmo tempo compreender os acontecimentos de sua vida, como quando lembra o sumiço de Dinaura. Ele a conhece, se apaixona e depois de várias tentativas de aproximação consegue de fato ter com ela um momento de amor à beira do rio. Porém, a moça desaparece e ele começa sua busca incessante, mas não consegue encontrá-la. O narrador então, para explicar tal fato, faz a associação do desaparecimento de sua amada ao mito contado por Florita e acredita que ela tenha ido morar na cidade encantada.

Arminto Cordovil, durante toda narração, diz ter uma fase de sua vida sem memórias. Essa fase de sua infância se tornou “tempo de escuridão”, devido a todos os maus tratos sofridos e ao ser acusado como culpado pela morte da mãe. Não tinha ninguém para dar um carinho, as amas de leite simplesmente o amamentavam, mas sem o carinho materno. Após a chegada de Florita, clarearam-se suas memórias, pois, a partir daquele momento, ele teve carinho e atenção e o fato de ter alguém para contar histórias, cuidar dele e protegê-lo marcou profundamente sua memória de infância, tanto que ele ainda se lembrava dos mitos amazônicos contados por Florita quando ele ainda era pequeno. “Essa moça me criou. A primeira mulher na minha memória. Florita.” (Hatoum, 2008, p. 69)

Milton Hatoum buscou, através de um narrador de classe média, cujo pai era um empreendedor do ramo de navegação e fazendeiro que investiu no plantio de cacau, mas

que, devido à praga que invadiu a plantação, não obteve êxito, mostrar os problemas sociais da região. De um lado, os poderosos, como a família Cordovil, que conseguiu prestígio e desenvolvimento financeiro de forma ilícita e que, para ter descontos nos impostos, praticavam as trocas de favores com os políticos locais. De outro lado, pessoas extremamente pobres que ficavam imensamente agradecidas por receberem esmolas. Arminto diz que depois da morte do pai ele soube que ele havia sido um verdadeiro filantropo.

O autor consegue, em poucas páginas, esboçar cada situação vivida pela sociedade amazônica, as dificuldades enfrentadas com a decadência do ciclo da borracha no Brasil e a guerra dos cabanos. Esses acontecimentos continuam a desmistificar a ideia, em que muitas pessoas acreditavam, da existência de um lugar paradisíaco, uma cidade encantada com ausência de problemas sociais, econômicos e políticos.

A Amazônia, desde o descobrimento, ficou esquecida. A nenhum governo, nem à coroa portuguesa, nem ao império brasileiro, nem a oligarquia republicana ocorreu a ideia de incentivar o desenvolvimento da região. O Estado do Amazonas teria de esperar a descoberta da seringa para sonhar com a entrada no mercado internacional e, quando esse tempo chegou, Manaus, sua capital, chegou a ter o prestígio da cidade do Rio de Janeiro. Ilhada entre as florestas e as águas, a capital manauara – como se fosse um aquário, um grande aquário – convida-nos ainda hoje à imaginação. (MAQUÊA, 2010, p. 61)

Nesse trecho, a autora Vera Maquêa fala do período que antecede o ciclo da borracha, um território com tantas riquezas e belezas naturais, mas que era esquecido pelo poder político e que, diante de toda a movimentação da seringa para fabricação de borracha, passou a ser visto com outro olhar. Décadas depois, quando as indústrias começaram a utilizar a borracha sintética, que poderia ser produzida com maior agilidade, a região sofre com esse avanço tecnológico. Hatoum, através das memórias de um narrador da região, evidencia esse período de decadência da Amazônia e coloca em destaque o contexto histórico social, como exemplificado no trecho:

[...] Antes disso, alguma coisa perturbou a cidade. O movimento portuário diminuiu. Não era a guerra na Europa, a Primeira Guerra. Ainda não. Eu via as pessoas irritadas, revoltadas. Tudo parecia absurdo e violento. Em pouco tempo o humor de Manaus se alterou. Li nos jornais um desabafo do meu pai: reclamava dos impostos absurdos, do valor das taxas alfandegárias, do péssimo funcionamento do porto, da balbúrdia na nossa política [...]. Uns anos antes da morte do meu pai, as pessoas só falavam em crescimento. Manaus, a exportação de borracha, o emprego, o comércio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. Só Estiliano ficava com um pé atrás. Ele estava certo. Ele estava certo. Nos bares e restaurantes as notícias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: Se não plantarmos sementes de seringueira, vamos desaparecer... Tanta ladroagem na política, e ainda aumentam os impostos. (HATOUM, 2008, p. 23 e 33)



O narrador recorda um período difícil, enfrentado pela região amazônica: o declínio do ciclo da borracha. Tempos difíceis que trouxeram miséria para a região devido à falta de trabalho para os seringueiros e as perdas que tiveram os empresários do ramo da navegação. Porém, pode-se observar que, apesar dos problemas enfrentados pela sociedade, o narrador não estava interessado nestas questões políticas da época. Ele fala de um movimento que estava acontecendo e deixa a entender que ele tinha conhecimento da situação, porém, não lhe dava importância, só pensava em gastar e alimentar a vida fútil que levava. Estava em uma zona de conforto, provando a falta de interesse do personagem nos negócios do pai. Esta matéria do site Brasil Escola esclarece um pouco do que foi esse período, do apogeu à decadência:

A vulcanização possibilitou a ampliação dos usos da borracha, que logo seria utilizada como matéria-prima na produção de correias, mangueiras e sapatos. A região amazônica, uma das maiores produtoras de látex, aproveitou do aumento transformando-se no maior polo de extração e exportação de látex do mundo. No curto período de três décadas, entre 1830 e 1860, a exportação do látex amazônico foi de 156 para 2673 toneladas. Depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as indústrias passaram a adotar uma borracha sintética que poderia ser produzida em ritmo mais acelerado. Essa inovação tecnológica acabou retraindo significativamente a exploração da seringa na Floresta Amazônica. [...] (SOUSA, 2019)

A guerra dos cabanos também marcou fortemente a história do estado do Amazonas. Revolução iniciada no Estado do Pará, e formada por Indígenas, negros de origem africana, mestiços, que lutavam por melhores condições de vida, e integrantes da elite local, que buscavam direitos de participar das decisões políticas e administrativas da província, se uniram contra o governo regencial. Nessa revolta, o objetivo principal era a conquista da independência da província do Grão-Pará. A revolta teve duração de cinco anos e terminou sem que os Cabanos atingissem seus objetivos. Hatoum, sutilmente, usando a memorialística do narrador, aborda acontecimentos históricos que marcaram profundamente a sociedade manauara e coloca no auge uma região brasileira que está sobre olhar atento de todo o mundo, por questões ambientais e riquezas naturais.

## CONCLUSÃO

Milton Hatoum através de *Órfãos do Eldorado*, conta um pouco das histórias e mitos da região amazônica, inspirado na natureza exuberante do local. Com olhar dirigido à memória individual e de infância, o narrador primordial mergulha nos tempos passados, buscando lembrar-se de detalhes para construir a sua história nebulosa, seus desamores, seu desafeto com o pai, acusações infundadas, amor mal resolvido, fracasso pessoal e

financeiro. Apega-se com toda a força a suas memórias mais antigas e, a cada lapso de lembrança, tenta se manter vivo, já que sua vida atual é pacata e insignificante. Destaca-se a importância da memória, pois é a ela que o narrador primordial recorre para arquitetar toda narração. E apesar dessas memórias parecerem nebulosas e incertas, é a partir delas que se reconstrói a história desse narrador, de sua família e das pessoas que conviveram com ele durante toda a sua vida.

Adentrar no orbe ficcional de um romance como *Órfãos do Eldorado* nos leva a perceber o quão importante é o ato de narrar, principalmente para alguém que vive sozinho, isolado do mundo e da sociedade. Arminto Cordovil tinha a necessidade de desabafar, até que um dia surge um viajante desconhecido e misterioso, que se interessou em ouvi-lo, sem perguntas, sem comentários, apenas ouviu. Ele também não sabe se ele acreditou, apenas viu a oportunidade de não deixar morrer a sua história, de passá-la adiante.

Nas narrativas orais é comum a mistura de fatos e mitos e Arminto, no seu emaranhado de lembranças, mistura os mitos à sua história de vida, como o fato de pensar que Dinaura, seu grande amor, teria fugido para a cidade encantada, tentando justificar o abandono que sofreu. O narrador também conta histórias dos sonhos ambiciosos que não se realizaram no período do látex, que deram origem a outras histórias. A realidade e a ficção se misturam em um ambiente de dificuldades, desilusão e decadência, vistas através das memórias seu narrador primordial, Arminto Cordovil, levando o leitor a refletir sobre características que também marcam o homem da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIM, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In \_\_\_\_\_ . **Magia e técnica arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CANDIDO, Antônio. **A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**. São Paulo: Ática S.a., 1989.

ECO, Umberto. **Seis passos pelos bosques da ficção**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

HALBWACHS, Maurice (Org.). **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda., 1990. LAURENT LÉON SCHAFFTER.

HATOUM, Milton. **Site oficial do escritor**. Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br>. Acesso em: 20/10/2019.

\_\_\_\_\_. **Órfãos do Eldorado**. 2008: Companhia das Letras, 2008.

*Revista Moinhos*. Tangará da Serra, vol.7, 2019.

MAQUÊA, Vera. **A escrita Nômade do presente**: literatura de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2010.

MORAES, Camila. **El País**, 2016. Disponível em:  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/cultura/1469792880\\_840813.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/29/cultura/1469792880_840813.html). Acesso em: 30/09/2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Ciclo da Borracha. **Brasil Escola**. Disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/ciclo-borracha.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2019.